

O PAPEL DA MÚSICA NA UMBANDA E NA REORGANIZAÇÃO DAS IDENTIDADES

THE ROLE OF MUSIC IN UMBANDA AND THE REORGANIZATION OF IDENTITIES

Gregório J. Pereira de Queiroz¹

Resumo: O trabalho investigou a relação da música com alterações na identidade, dentro do rito da umbanda, e suas possíveis consequências para o papel da música na organização da identidade humana. A revisão da natureza da música e dos conceitos de identidade, dissociação, incorporação e alteração de consciência, juntamente com a apresentação da experiência pessoal do autor no uso da música na umbanda forneceram os dados para criar o conceito de deslizamento entre identidades.

Palavras-chave: música percussiva, identidade, umbanda, incorporação, musicoterapia.

Abstract: The work investigated the relationship of music with changes in identity within the umbanda rite and its possible consequences for the role of music in the organization of human identity. The review of the nature of music and the concepts of identity, dissociation, incorporation, and alteration of consciousness, along with the presentation of the author's personal experience in the use of music in umbanda provided the data to create the concept of slippage between identities.

Keywords: percussive music, identity, umbanda, incorporation, music therapy.

Este trabalho resume a pesquisa de mestrado que investigou o papel da música na reorganização das identidades e na incorporação de entidades no rito da umbanda. A música é utilizada em diversas culturas na busca de determinados efeitos práticos, como nos ritos de incorporação (Rouget, 1985, p. 65), desde há muito tempo, para além das finalidades da musicoterapia atual. Os musicoterapeutas “ao olhar para suas próprias práticas à luz de outras práticas... po-

¹ Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Graduado em Arquitetura (FAUUSP, 1981); especialista em “Educação Musical com área de concentração em Musicoterapia” (Faculdade Carlos Gomes, 2000) e em “Musicoterapia na Saúde” (FPA, 2002), Mestre em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, (Universidade de São Paulo, 2017). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4348956059988637>. gjpqueiroz@usp.br.

dem ser capazes de avaliar suposições e procedimentos que têm sido tomados como certos” (Stige, 2002, p. 195)

O trabalho investigou primeiramente algumas teorias sobre a natureza da música (Sloboda, 2008, p. 335-56; Révész, 2001, p. 219-23; Hanslick, 1994, p. 100; Langer, 1988, p. 20; Meyer, 1984, p. 1; Zuckerkandl, 1976, p. 11 e 1973, p. 11-24) e sua relação com o ser humano (Bruscia, 2000, p. 9; Blacking, 2000 e 1995; Zuckerkandl, 1976, p. 8-11; Merriam, 1964, p. 27); investigou a identidade humana, do ponto de vista da psicologia social (Ciampa, 2012, p. 21 e 63 e 2005, p. 135-36; Belzen, 2010, p. 246-67; Paiva, 2007, p. 77-84; Zangari, 2003, p. 170-176;), os processos dissociativos (Maraldi, 2014, p. 101-03; Tart, 2001; Cardeña, 1994, p. 17-28) e a mediunidade, a alteração de consciência e o transe (Maraldi, 2014, p. 114 a 144; Cardeña & Pekala, 2013, p. 35-60; Maraldi, Zangari & Machado, 2011, p. 394-96; Zangari, 2003, p. 52-54; Tart, 2001; James, 1991, p. 391-92; Rouget, 1985, p. 3-62 e 321-22), assim como a música como meio para alterar a consciência (Queiroz, 2017 e 2015; Aldridge, 2006, p. 12-13; Fachner, 2006, p. 15-37; Pilch, 2006, p. 38-50). Em seguida, foram descritos o tipo de música presente no rito umbandista e a experiência do autor na participação no processo de incorporação das supostas entidades espirituais umbandistas.

Como o próprio pesquisador foi também fonte de informações para a pesquisa – portanto, ele foi também o pesquisado – recorreu-se à teoria da autoetnografia como base para organizar esse duplo papel, buscando limites para a inserção da experiência pessoal do próprio pesquisador (Adam, Jones & Ellis, 2015, p. 1, 2 e 26; Arruda, 2012, p. 10; Versiani, 2002, p. 65-67; Queiroz, M. I., 1992, p. 23).

MUSICOTERAPIA

1. MÚSICA

A música descortina outro modo de facear o mundo e nós mesmos: dissolve a barreira entre interior e exterior, entre eu e o outro, entre eu e o grupo. Em sua dinâmica de atração e gravitação a um polo, em sua busca por completude, a música mobiliza a nos movermos dentro e fora de nós mesmos, pondo a percepção em movimento e fluxo. O movimento cíclico e pulsante das melodias

diatônicas ressoa nas danças giratórias na umbanda. A música dispõe ao movimento as forças que sustentam e organizam a identidade.

As qualidades dinâmicas das melodias trabalham junto com as qualidades dinâmicas do metro e do ritmo. O ritmo da música abre à percepção o tempo e espaço como fluxos dinâmicos e mobilizam o sujeito. O ritmo subjuga o ouvinte, ainda mais aquele que o dança. O ritmo nos apanha e arrasta de modo irresistível. Acompanhar o ritmo da música com o corpo retira o sujeito de sua tendência estacionária.

2. DISSOCIAÇÃO

Na psicologia, considerou-se possessão, mediunidade e incorporação eventos psíquicos ligados à *dissociação* da identidade, isto é, à ruptura entre um aspecto da identidade e outro. No entanto, estudos recentes mostram que o processo dissociativo ocorre em gama ampla de condições, desde aquela patológica à não patológica, desde a contextual à tendência.

A dissertação não se apoiou nos conceitos tradicionais de mediunidade, possessão, transe e estado alterado de consciência, por considerar que introduzem desvios na visão do fenômeno, mais do que ajudam a compreendê-lo. O que acontece na incorporação umbandista é um processo mais suave do que a ruptura, ao qual chamei de *distensão* e *deslizamento* entre identidades.

3. MÚSICA NA UMBANDA

Partituras com 32 pontos de incorporação e desincorporação, assim como os 3 ritmos principais percutidos aos atabaques, foram transcritas a partir dos pontos cantados e tocados no terreiro frequentado pelo autor. Analisando-as, deduziu-se que a música utilizada na umbanda na incorporação é música 'comum'. Ela se estrutura musicalmente como as canções populares brasileiras, isto é, não é música especial, com poderes particulares para desencadear o transe ou a reorganização das identidades. É essa música que, no rito, mobiliza o ser, dissolve barreiras entre eu e o outro, entre eu e o grupo.

Seu ritmo é específico. Originário dos ritmos usados no candomblé, tem acentuações, deslocamentos do tempo forte, síncofes e variações que deslocam o 'tempo' na música e o corpo na dança. A íntima relação entre movimento corporal e música é aspecto importante. No rito, as pessoas que vão incorporar dançam a música, não apenas a ouvem. O papel da música na umbanda a reorganizar identidades passa pela dança. Além disso, o adepto se identifica com o grupo umbandista, ao se 'soltar' da identificação estrita consigo próprio. E há as novas identidades formadas pelo contexto social e/ou pelo mundo espiritual, para as quais o umbandista desliza e para as quais se desloca. A investigação passou ao largo da questão de serem identidades formadas pelo sujeito ou se há a incorporação de entidades espirituais.

A partir dos elementos acima citados, chegou-se a seguintes conclusões preliminares, as quais exigem investigação aprofundada.

4. CONCLUSÕES

A música atua na reorganização das identidades do sujeito humano. Assim como também pode atuar na reorganização das identidades do adepto umbandista que pretende incorporar um ente espiritual ou se abrir a aspectos de seu conjunto de identidades potenciais. A música atua nessa reorganização devido a dois fatores: por distender as forças que sustentam a organização das identidades e por mover o corpo, retirando-o da condição estacionária.

Pelo que se investigou, a música atua nesse sentido *somente quando há a participação conjunta do contexto social e da intenção do sujeito* para se reorganizar. Assim, música, contexto social e intenção do sujeito são três acionamentos que operam obrigatoriamente juntos quando se pretende reorganizar as identidades de uma pessoa e/ou para ela incorporar entidades.

Dentro do rito umbandista, esses três acionamentos – música, contexto social e intenção individual – operam conjuntamente em especial na dança preparatória à incorporação, pois que: 1. a música dançada *solta* o sujeito da estrutura fixa de suas identidades e o coloca em movimento; 2. o contexto social do rito, *amplia* a noção de identidade; 3. a intenção do sujeito junto com a música o *dispõe* a transitar entre identidades.

4.1 Três etapas

Música, contexto social e intenção do sujeito operam em *três etapas* para reorganizar as identidades e predispor a pessoa a incorporar as entidades da umbanda: 1. pelo exercício da *entrega controlada*, ao ritmo da música; 2. a música é o primeiro 'outro' a ser *incorporado* pelo adepto, quando este se move em seu ritmo; sendo expressão do grupo de umbanda, a música leva o adepto a incorporar também o grupo – o grupo é o segundo 'outro' a ser incorporado; 3. a música é condutora à intenção de *deslizar* (transitar) entre identidades em direção àquelas construídas dentro do terreiro, do grupo umbandista.

Música, contexto e intenção estão presentes nas três etapas.

4.2 Entrega controlada

É praticada na dança preparatória à incorporação, tanto nas giras de desenvolvimento, que são o momento de aprendizagem do processo de incorporação dentro do terreiro, quanto antes de toda e qualquer incorporação, mesmo para os médiuns adiantados que atendem os consulentes.

A entrega é treinada dentro do seguinte contexto. Os adeptos colocam-se em círculo e giram no mesmo lugar com passos laterais, esquerda e direita, ao ritmo dos atabaques, cantando e batendo palmas. Nesta dança preparatória, não se está parado nem se tem intenção de se mover: o que move o adepto é uma intenção externa, o ritmo musical. É à ele que a pessoa se entrega. Esta é a primeira fase do treino de incorporação. Dançar a música é exercitar o *controle de se entregar*: desloca o adepto da condição habitual.

4.3 Incorporação da música e do grupo

Dançar a dança preparatória é se deslocar da condição habitual. Entregar-se a ser movido por forças externas (a música e o grupo) coloca o adepto em condição diferente da habitual, em alteração da consciência. Alteração da consciência = "outra ação da consciência", ou consciência em ação ao outro, em direção ao outro, predisposta a abranger o outro (Aldridge, 2006, p. 12-13). Por meio da

dança, a música e a proposta do grupo umbandista incorporam o sujeito. Já não é ele que comanda seu corpo, o qual passa a ser ocupado por forças externas a ele.

4.4 Deslizar para outra identidade

O terreiro ensina a construir novas identidades. A experiência sensorial direta com a identidade dos adeptos mais velhos incorporados informa sobre as novas 'formas de ser' a serem assumidas. A formação de novas identidades foi estudada por Zangari, que a definiu em seis passos: assimilação, entrega, treino, criação, manifestação e comprovação (2003, p. 173).

Os adeptos sabem de antemão as formas a serem assumidas quando incorporarem. Não obstante, a experiência direta e os relatos mostram que incorporar não é imitação voluntária. Ao ser movido pelas forças da música e do grupo, as forças que organizam as identidades se abrem. O deslizar entre entidades acontece por comandos não voluntários do adepto. A sensação é de ser movido por força exterior a si mesmo, a qual não vem da pessoa ou de partes conscientes dela. Em dado momento da entrega controlada na dança, alguma força faz o corpo se mover de outra maneira – é um 'outro' acionando a motricidade. Assim se dá o deslizar, o transe ou trânsito entre identidades na incorporação umbandista – desde a identidade habitual à nova identidade.

5. PAPEL DA MÚSICA

Na prática umbandista, a música colabora com processos da subjetividade que se alinham com processos dissociativos. Quando o sujeito se *envolve* com a música, distendem-se as forças que sustentam a organização das identidades, não obstante sem haver realmente dissociação. Mais propriamente, parece ocorrer distensão e deslizamento, isto é, reorganização entre identidades, sem fragmentação ou ruptura entre elas. As conclusões convergem com o que, utilizando outros conceitos e termos, alguns estudos em musicoterapia parecem sugerir (Aigen, 1998; Robbins & Robbins, 1991, p. 318; Nordoff & Robbins, 1977, p. 23-26; Bonny, 1978, p. 11) e com algumas formas de aplicação da música em

musicoterapia, em particular no musicocentramento (Ansdell, 2014; Aigen, 2005; Queiroz, 2003 e Brandalise, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, T., JONES, S. & ELLIS, C. *Autoethnography*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

AIGEN, K. *Music-Centered Music Therapy*. Gilsum: Barcelona, 2005.

AIGEN, K. *Paths of Development in Nordoff-Robbins Music Therapy*. Gilsum: Barcelona, 1998.

ALDRIDGE, D. Music, Consciousness and Altered States. In: ALDRIDGE, D. & FACHNER, J. (Org.) *Music and Altered States: Consciousness, Transcendence, Therapy and Addictions*. London: Jessica Kingsley, 2006, p. 9-14.

ANSDELL, G. *How Music Helps in Music Therapy and Everyday Life*. Burlington: Ashgate Publishing, 2014.

ARRUDA, J. Tese e antítese: autoetnografia como proposta metodológica. *VII Congresso Português de Sociologia*, Universidade do Porto, 2012, p. 13.

BELZEN, J. *Para uma psicologia cultural da religião*. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

BLACKING, J. *How Musical is Man?* Seattle: University of Washington Press, 2000.

BLACKING, J. *Music, Culture and Experience: selected papers of John Blacking*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

BONNY, H. *Guided Imagery and Music: The Role of Taped Music Programs in the GIM process*. Baltimore: ICM Books, 1978.

BRANDALISE, A. *Musicoterapia Músico-centrada*. São Paulo: Apontamentos, 2001.

BRUSCIA, K. *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARDEÑA, E. & PEKALA, R. Questões Metodológicas no Estudo dos Estados Alterados de Consciência e das Experiências Anômalas. In: CARDEÑA, E.; LYNN, S. & KRIPPNER, S. (Org.) *Variedades da experiência anômala*. São Paulo: Atheneu, 2013, p. 23-37.

CARDEÑA, E. The Domain of Dissociation. In: LYNN, S. & RHUE, J. (Org.) *Dissociation: Clinical and Theoretical Perspectives*. New York: The Guilford Press, 1994, p. 15-31.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S. & CODO, W. (Org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 58-77.

CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FACHNER, J. Music and Altered States of Consciousness. In: ALDRIDGE, D. & FACHNER, J. (Org.) *Music and Altered States: Consciousness, Transcendence, Therapy and Addictions*. London: Jessica Kingsley, 2006, p. 15-37.

HANSLICK, E. *Do belo musical*. Lisboa: Edições 70, 1994.

JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1991.

LANGER, S. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

MARALDI, E. *Dissociação, Crença e Identidade: Uma Perspectiva Psicossocial*. Tese de Doutorado: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARALDI, E., ZANGARI, W. & MACHADO, F. A Psicologia das Crenças Paranormais: Uma revisão crítica. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 31, São Paulo, 2011, p. 394-421.

MEYER, L. *Emotion and Meaning in Music*. Chicago: The University of Chicago Press, 1956.

MERRIAM, A. *The Anthropology of Music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

NORDOFFf, P. & ROBBINS, C. *Creative Music Therapy: individualized treatment for handicapped child*. New York: The John Day Company, 1977.

PAIVA, G. J. Identidade psicossocial e pessoal como questão contemporânea. *Psico*, v. 38, n. 1, 2007, p. 77-84.

PILCH, J. J. Music and Trance. In: ALDRIDGE, D. & FACHNER, J. (Org.) *Music and Altered States: Consciousness, Transcendence, Therapy and Addictions*. London: Jessica Kingsley, 2006, p. 38-50.

QUEIROZ, G. J. P. *Uma visão psicossocial do papel da música na umbanda e na reorganização das id/entidades*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUEIROZ, G. J. P. (2015). Umbanda Music and Music Therapy. *Voices*, v. 15, n. 1. <https://voices.no/index.php/voices/article/view/780/677>, 2015.

QUEIROZ, G. J. P. *Aspectos da Musicalidade e da Música de Paulo Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica*. São Paulo: Apontamentos, 2003.

QUEIROZ, M. I. P. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

RÉVESZ, G. *Introduction to the Psychology of Music*. Mineloa: Dover, 2001.

ROBBINS, C & ROBBINS, C. Self communication in Creative Music Therapy. In: BRUSCIA, K. *Case Studies in Music Therapy*. Gilsum: Barcelona, 1991, p. 318-39.

ROUGET, G. *Music and Trance: a Theory of the Relations between Music and Possession*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

SLOBODA, J. A. *A Mente Musical*. Londrina: Eduel, 2008.

STIGE, B. *Culture-centered Music Therapy*. Gilsum: Barcelona, 2002.

TART, C. *States of Consciousness*. Lincoln, iUniverse.com, 2001.

VERSIANI, D. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. *Letras de Hoje*, v. 37 nº 4, Porto Alegre, 2002, p. 57-72.

ZANGARI, W. *Incorporando Papéis: leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de umbanda*. Tese de Doutorado: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ZUCKERKANDL, V. *Man the Musician*. Princeton: Princeton University Press, 1976.

ZUCKERKANDL, V. *Sound and Symbol: Music and the External World*. Princeton: Princeton University Press, 1973.